

# ÍNDICE

Mensagem de Apresentação.....	9
Prefácio .....	13
1. Introdução.....	19
2. Um Olhar sobre a História de S. João da Pesqueira .....	23
2.1 - O primeiro foral em território português.....	23
2.2 - O nascimento do Senhorio dos Távoras.....	27
2.3 - O nome e a fama do “Conde de S. João” .....	28
2.4 - O Marquês de Pombal, a ascensão e a queda dos Távoras .....	30
2.5 - Os museus, guardiões da história e da memória.....	32
3. Em torno do Conceito de Património Cultural Imaterial.....	37
4. Literatura Oral Tradicional em S. João da Pesqueira:	
O Sabor e o Saber das Linguagens .....	41
4.1 - Orações e rezas e seus rituais.....	42
4.2 - Cancioneiro .....	46
4.3 - Linguagem proverbial.....	48
4.4 - Narrações Orais.....	50
4.4.1 - Os contos populares .....	51
4.4.2 - As lendas e os mitos .....	57
5. S. João da Pesqueira e o seu Universo Lendário e Mítico.....	61
5.1 - A religiosidade popular e o sobrenatural.....	61
5.1.1 - Capelas, ermidas e santuários: os milagres e as lendas....	62
5.1.1.1 - Frei Gaspar e o Santuário de S. Salvador do Mundo.....	62

5.1.1.2 - Mistérios lendários de capelas e santuários .....	66
5.1.1.3 - Milagres ou “imposições” do Céu? .....	76
5.1.1.4 - O carisma lendário do Mosteiro de S. Francisco .....	79
5.1.2 - Inquietações do sobrenatural .....	81
5.1.2.1 - As representações da alma penada .....	82
5.1.2.2 - O mito do lobisomem .....	87
5.1.3 - A etiologia toponímica e os fenómenos megalíticos....	89
5.1.3.1 - A magia das fragas .....	91
5.1.3.2 - Os mouros míticos e os tesouros.....	95
5.1.3.3 - Batalhas e castelos .....	98
5.2 - A religiosidade popular e o sobrenatural.....	103
5.2.1 - A ascendência “moura” dos Távoras .....	103
5.2.2 - O “homem do saco” na pele do Conde de S. João .....	106
5.2.3 - A lenda de uma paixão “rejeitada” do Marquês de Pombal.....	107
6. Conclusão .....	III
Bibliografia .....	II3

## MENSAGEM DE APRESENTAÇÃO

O olhar da UNESCO sobre o Património Cultural Imaterial (PCI), desde o início do milénio, tem-se revelado uma fonte de energia inspiradora, quer para as nações, quer para muitas comunidades, no esforço de salvaguarda dos seus bens intangíveis que têm a memória oral como veículo de transmissão de cultura ao longo das gerações. Particularmente determinantes foram, e ainda são, os vários instrumentos legais da UNESCO sobre a protecção e salvaguarda desse património, como sejam a *Declaração Universal da Diversidade Cultural* (2001), a *Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial* (UNESCO, 2003) e a *Convenção sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* (UNESCO, 2005).

Em boa verdade, sempre existiu, ao longo da história, uma preocupação mais ou menos peremptória pela preservação dos bens culturais das comunidades. Contudo, o termo “património”, na sua acepção cultural, vinha sendo reconhecido com um cariz quase exclusivamente “material”, pelo menos até meados do séc. XX, quando passou a contemplar também os bens intangíveis. E tal aconteceu com o surgimento da UNESCO, em 1945, ao empenhar-se de forma interventiva na salvaguarda e no estudo da diversidade cultural, em especial, das línguas nativas. Tornaram-se assim decisivos para a sensibilização dos povos, não só os encontros de reflexão que organizou e fomentou a nível internacional, como também os diversos instrumentos reguladores



## PREFÁCIO

**S**empre se problematizou a relação da História com a Lenda. Quando se fala de Património Imaterial sempre haverá quem questione o que é que na História é “material” e o que é “imaterial”. Sabemos bem que a ciência histórica vive de fontes documentais. Vive, no essencial, de “matéria”, de registos fidedignos. Porém, não raramente, assistimos a uma leitura desses registos recorrendo ao que eles podem sugerir no domínio do “imaterial”. Não raramente, por isso, assistimos à Lenda a ser “adoptada” como “História”, com as fragilidades ou incongruências que acompanham tal reconhecimento. De resto, a História de Portugal e os manuais que desde sempre a acompanharam estão repletos de situações tais. Veja-se o que se diz da Batalha de Ourique, como fundamento para a fundação de Portugal enquanto nação independente; do guerrilheiro Geraldo Sem Pavor, na tomada de Évora aos mouros; D. Fuas Roupinho com o milagre de Nazaré; os amores de Pedro Inês na formação do “mito inesiano”; a Batalha de Aljubarrota, com a deificação de Nuno Álvares Pereira; e também a Rainha Isabel de Aragão (a Rainha Santa Isabel), com seus milagres.

S. João da Pesqueira é um dos concelhos que os historiadores bem conhecem. A concessão do foral que lhe foi atribuído no séc. XI por Fernando Magno de Leão e Castela, o primeiro foral de outorga régia a ser atribuído em território português, confere-lhe a honra de poder ser considerada a vila mais antiga de Portugal. Não se





I.

## INTRODUÇÃO

*Sem esta terra funda e fundo rio, / Que ergue as asas e  
sobe, em claro voo, / Sem estes ermos montes e arvoredos, /  
Eu não era o que sou.*

TEIXEIRA DE PASCOAIS  
*As Sombras* (1907)

**S**itua-se o concelho de S. João da Pesqueira no coração de um território rico e singular, quer pela sua paisagem física quer pela sua paisagem espiritual e simbólica. Contudo, classificada a primeira como Património Mundial pela UNESCO, com todas as compensações que esse reconhecimento representa, permanece a segunda manifestamente desprotegida, privada de estudos criteriosos, que envolvam não só a pesquisa, a compilação e a sistematização, como também a interpretação científica e pragmática a que, cada vez mais, o património imaterial nos desafia.

Desde logo, é importante reconhecer a relação da paisagem física com a espiritual. Isto é, reconhecer que a paisagem, para além da sua expressão física, guarda uma componente espiritual que lhe dá uma dimensão mágica, encantatória, mítica. A paisagem é um meio expressivo que evoca e convoca sentimentos humanos. Tem, por isso, uma alma que actua na personalidade dos que a habitam, contribuindo para que estes tenham uma cultura muito própria, definidora da sua identidade, e com uma força espiritual que lhes dá a capacidade de criar e (re)elaborar as suas mais variadas manifestações



e produções artísticas (romanceiros, cancioneiros, rezas, orações, mitos e lendas). E daí que nelas seja possível identificar pedaços da sua vida, da sua história, do seu trabalho árduo, dos seus medos e angústias, do seu sofrimento.

Esta concepção “romântica” da paisagem, sobre a qual reflectiram alguns notáveis antropólogos galegos da primeira metade do Séc. XX (Vicente Risco, Villar-Ponte, Otero-Pedrayo, entre outros, por isso conhecidos por “antropólogos românticos”), leva em conta que o homem rural, “dominado” pelo seu *habitat* e movido pelos encantos e singularidades da Natureza, ora portadora de bestialidade, ora de benevolência divina, é um ser criativo por excelência. Gosta de “perder-se” na sua própria interioridade, sendo impelido a indagar junto do Criador de todas as coisas, na busca das causas e das finalidades de tudo o que vê e sente. Daí que a Natureza lhe fale, mas lhe fale somente daquilo que anseia ouvir. Os mitos são, para além de tudo, respostas às necessidades e aos estímulos psíquicos do homem. Neles, os astros, os trovões, as chuvas, os rios, os vales e as montanhas, complementam-se e unem-se num todo interpretativo, coerente e inseparável na sua diversidade. Não é de estranhar, por isso, que na hermenêutica dos fenómenos naturais haja sempre uma incorporação objectiva e subjectiva dos desígnios humanos.

O estreito convívio com as figuras escultóricas que a Natureza ou as etnias primitivas esculpiram induz o homem a elevá-las a um estatuto feérico, na busca de sentido. Assim acontece com os marcos megalíticos, medonhos, gigantescos, provocantes, imitando vultos de serpentes e outros seres diabólicos, representações que dominam a paisagem, sugerem jogos fantásticos e desafiam a compreensão humana. Em diálogo com a Natureza, procurando interpretações para os seus mistérios, sejam eles esses gigantes megalíticos, sejam os signos pré-históricos ou as excentricidades ruidosas dos rios, o homem rural sempre encontrou nas narrativas míticas, assim como nas rezas, orações, provérbios e outros textos de literatura oral, uma forma singular de comunicação.

Em síntese, o concelho de S. João da Pesqueira e toda Região do Douro representam mais do que um espaço físico. Representam





2 .

## UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DE S. JOÃO DA PESQUEIRA

*«Historia vero testis temporum, lux veritatis,  
vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis»*

MARCUS TULLIUS CÍCERO

*De oratore*, II (55 a.C)

### 2.1 - O PRIMEIRO FORAL EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS

As raízes históricas de S. João da Pesqueira levam-nos até muito antes da formação de Portugal. Calcula-se que a presença do homem em alguns pontos deste território remonta há cerca de dez mil anos, levando em conta, em especial, as pinturas rupestres no abrigo da Fraga D'Aia, que o povo também nomeia como “Penedo dos Macacos”<sup>4</sup>. Reconhecem, contudo, os historiadores que a povoação de S. João da Pesqueira teve início com a construção de um

---

<sup>4</sup> «Datas absolutas obtidas de amostras das várias camadas de sedimentos do abrigo da Fraga d'Aia (essencialmente as lareiras), colocam a ocupação do citado abrigo no VIII milénio a.C; 2ª metade do VI milénio a.C; 2º e 3º quartéis do V milénio a.C; meados do IV milénio a.C (lareira 1 - topo da camada 3). Por outro lado, as cerâmicas exumadas na base da cama 2 e topo da camada 3, apresentando uma técnica de decoração impressa ‘penteada’, podem corresponder a uma última ocupação do abrigo no III - inícios do II Milénio a.C». (Sá Coixão, 2000: p. 65).





4.

LITERATURA ORAL TRADICIONAL  
EM S. JOÃO DA PESQUEIRA:  
*O SABOR E O SABER DAS LINGUAGENS*

*Não há poesia sem arte e a do povo só se nega ou se  
tem por simples, porque se ignora ou mal se conhece.*

MANUEL VIEGAS GUERREIRO  
*Povo, Povos e Culturas* (1997)

O concelho de S. João da Pesqueira, no seu enquadramento harmonioso com a paisagem humana e física do Alto Douro, é claramente portador de toda a riqueza de literatura oral tradicional que é comum a toda Região, seja ao nível das rezas e orações, seja do cancioneiro, da paremiologia e outras linguagens populares ou dos contos tradicionais, distinguindo-se, por razões relacionadas com a singularidade dos lugares e da paisagem, ao nível das lendas e dos mitos, tratando-se de conteúdos respeitantes a realidades históricas ou a realidades físicas muito concretas. “Em cada pedra há uma lenda”, escreveu Alves Redol em *Porto Manso* (1946).

A literatura oral tradicional é o conjunto diversificado de formas de arte verbal determinadas tradicionalmente pelo uso que o povo delas faz, e que, por isso, são testemunho da sua cultura. Engloba uma infinidade de textos, distribuídos por diversos géneros, como sejam as orações, as rezas, os provérbios, os ditos, apodos, adivinhas, romanceiros, cancioneiros, lengalengas, teatro popular, contos populares, lendas e mitos, entre outros. Reconhecemos que a nomenclatura de “literatura oral tradicional” não é pacífica,





também a dever-se narrações lendárias que a memória colectiva alimenta à revelia de um processo acrítico sobre a devida fundamentação histórica. Assim sucede com algumas lendas de mouros, como adiante publicamos, onde é diabolizada uma etnia religiosa num claro propósito da hegemonização do seu contrário, projectado na intocabilidade dos dogmas cristãos, mas sucede também com a diabolização dos judeus. Uma dessas narrações, respeitante a S. João da Pesqueira, tem como fonte as *Memórias para a História de Portugal que compreendem o Governo del'Rei D. Sebastião* (1747), onde se enaltece o aplauso popular à tenebrosa execução de um judeu<sup>22</sup>.

### 5.1.1 - CAPELAS, ERMIDAS E SANTUÁRIOS: OS MILAGRES E AS LENDAS

#### 5.1.1.1 - FREI GASPAR E O SANTUÁRIO DE S. SALVADOR DO MUNDO

O Santuário de S. Salvador do Mundo, situado no Ermo com o mesmo nome e com vistas para a Barragem da Valeira, de onde se desfruta uma das mais deslumbrantes paisagens do Alto Douro Património Mundial, é um dos principais “paraísos” lendários do concelho. As várias capelas que se encontram escalonadas ao longo do percurso sinuoso da encosta procuram evocar os passos de Jesus a caminho do Calvário, tal como os achou no Séc. XVI o seu fundador, Frei Gaspar da Piedade, em peregrinação a Jerusalém. Na tradição oral popular, corre a lenda de que o seu fundador, na viagem a Jerusalém, estando prestes a naufragar nas águas do mar,

---

<sup>22</sup> «Na vila de S. João da Pesqueira, celebrando-se na paróquia de S. Sebastião, no seu dia de festa. “ao levantar o cura Gastão Rebello a Hóstia na missa solenne, hum Judeu chamado Affonso Mendes Carapito, se arrojou com sacrílego atrevimento a lha tirar das mãos, e satisfazer na sagrada Forma o entranhável ódio com que os sequezes da Synagoga aborrecem a Christo Nosso Salvador. Sentiu com excesso próprio da Christandade Portuguesa o nosso Príncipe [D. Sebastião] este sacrilégio, e mandou que fosse queimado vivo o seu pérfido author, o que se executou prontamente em Lisboa, com grande aplauso e satisfação de todo o povo» (Machado, 1747: p. 125).





*Imagem do santuário de S. Salvador do Mundo*

fez promessa de, no caso de salvar-se, ali depositar as relíquias que consigo trazia. Assim prometeu e assim o fez.<sup>23</sup>

No *Agiológico Lusitano* (1657) e no *Santuário Mariano* (1712), a aventura de Frei Gaspar nesta viagem é narrada com todos os pormenores. Partiu de Roma para Jerusalém com outros romeiros e, na passagem por Veneza, acompanhou-os o Governador local, homem poderoso que, conhecendo a virtuosidade do eremita, lhe ofereceu um valioso relicário. Dias depois, em pleno alto-mar, levantou-se

---

<sup>23</sup> Pinho Leal, procurando mostrar como a história e lenda se inter cruzam em torno deste santuário, escreveu: “Perto desta ermida da Frágua, há uma gruta onde viveu o fundador da mesma ermida, chamado Gaspar da Piedade, filho de pais pobres, natural de Torre de Moncorvo, e que em jovem fugiu de casa de seus pais para a cidade de Roma, onde se ordenou presbítero. O Papa Clemente VIII concedeu-lhe licença para ir a Jerusalém à Terra Santa em peregrinação. Ao voltar a Roma e de lá a Portugal, fundou a ermida de S. Salvador do Mundo sobre o monte do Cachão. Em vários lugares destes alcantis colocou diferentes imagens de santos, feitas por ele próprio que era um exímio escultor” (1880: p. 106).

